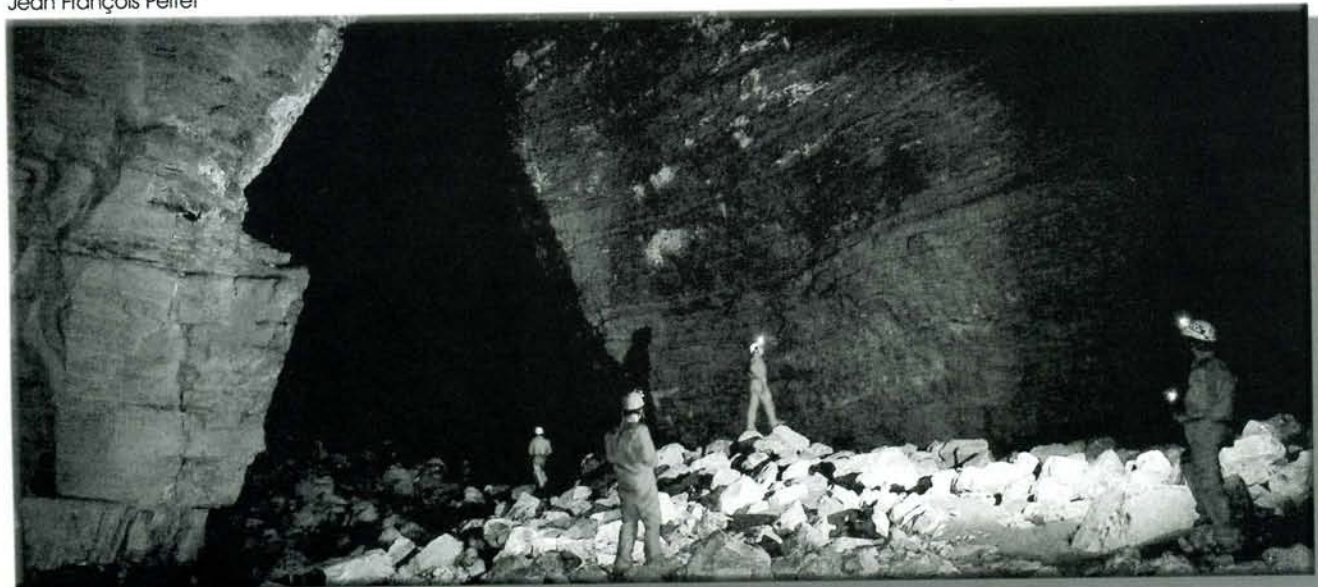


MINHA PRIMEIRA, VERDADEIRA "PREMIÈRE"

VALÉRIE TOURNAYRE
GROUPE SPÉLÉO BAGNOLS MARCOULE

Jean François Perret



Hoje devemos prospectar o cânion descoberto há dias atrás. Serão duas equipes, uma formada por Ezio, Guy e Joël, e outra por Jef Gilles e eu. Iremos explorar e topografar as entradas identificadas. A equipe do Ezio cuidará da parte superior do cânion, enquanto nós nos encarregaremos das entradas encontradas na parte inferior do cânion.

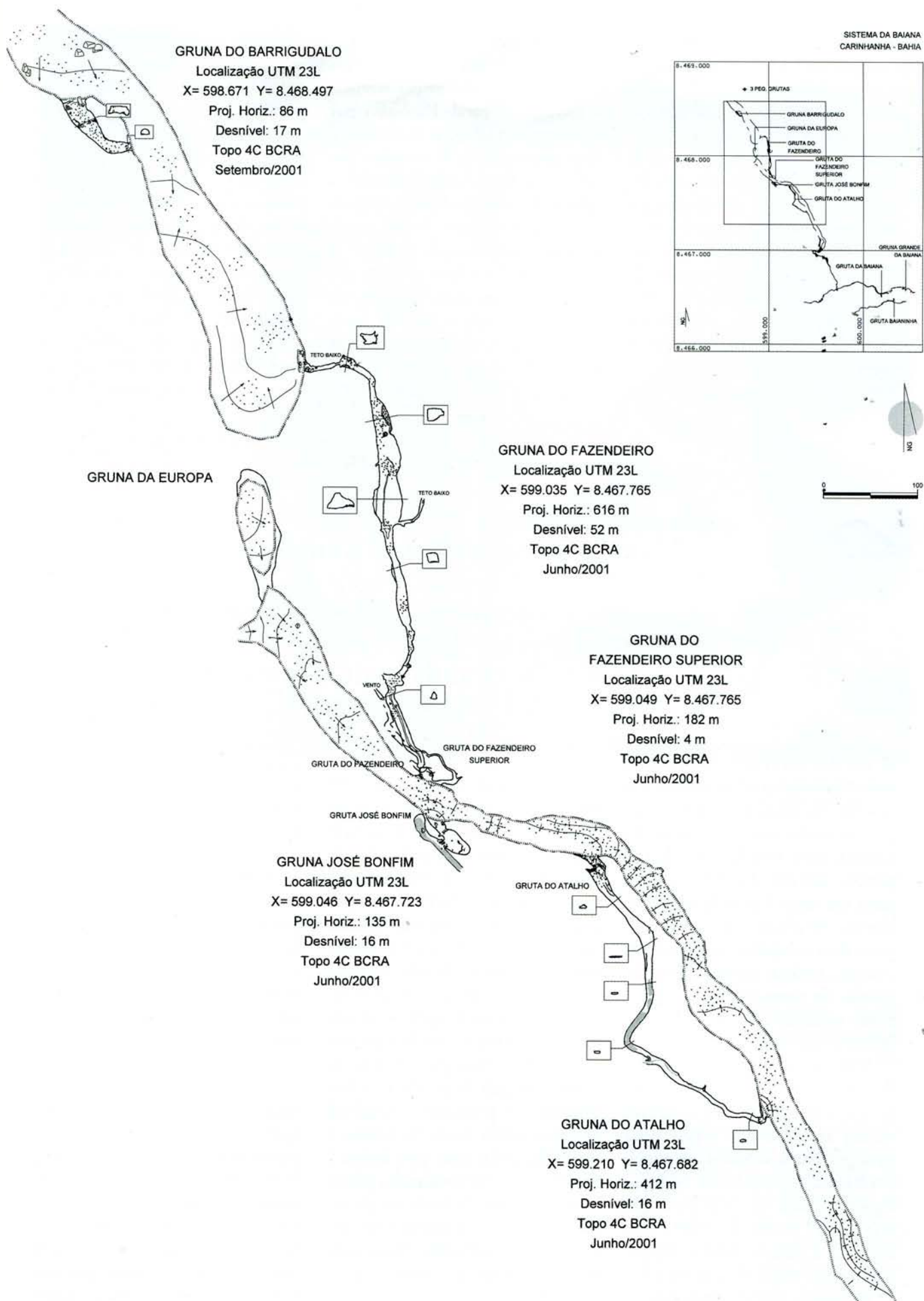
Após uma descida rápida em meio à vegetação luxuriante, Ezio nos indica as entradas e faz seu prognóstico: à esquerda, a entrada é promissora; a da direita também deve ser explorada, mas é muito provável que seja muito menos interessante. Esses dois acessos à rede subterrânea são, de fato, dois sumidouros atuais do cânion. Entretanto, não existe certeza de que a origem dessas cavidades esteja ligada ao cânion. Nossas explorações poderão, talvez, responder a essa pergunta.

De comum acordo, decidimos terminar rapidamente a exploração da entrada menos promissora, a Gruta José Bonfim. Ela foi batizada assim por causa de uma inscrição que achamos na rocha na entrada da cavidade. Suponho que este nome seja o de um fazendeiro da região.

Sob a boca, um beija-flor nos provoca. Ele brinca com meus nervos, é impossível fotografá-lo. Uma refeição muito "brasileira" é saboreada rapidamente. E saímos com a trena, o clinômetro e o caderno de topografia, como verdadeiros profissionais... Após umas poucas visadas numa entrada de dimensões brasileiras, chegamos a uma rede aquática. À direita, temos que parar após uns metros por causa de um sifão. À esquerda, na parte inferior, Gilles explora a galeria nadando por uns 150m. Não é fácil topografar sem bóia, com a trena na boca, o clinômetro e a bússola dentro do capacete e o caderno flutuando em volta do pescoço. O

resto da equipe não tem vontade de se molhar, o que talvez se deva à atração pelas grandes galerias secas. Gilles, isolado numa margem da galeria, decide voltar.

Paramos aqui a exploração aquática, mas juramos retornar com equipamentos mais adequados. Subimos o desmoronamento da entrada, atravessamos o cânion e chegamos em cima da outra entrada, a famosa entrada promissora, batizada Gruta do Fazendeiro. Dentro de um meandro do cânion, o sumidouro é imponente. Precisamos fazer uma descida de vários metros antes de atingir o topo de um enorme desmoronamento. "Pequenos blocos" de uns 100kg estão amontoados uns por cima dos outros. Entretanto, a passagem parece estar lá no meio desses enormes blocos de calcário. Jef descobre uma passagem entre dois blocos. Precisamos alargá-la um pouco. Algumas pedras são tiradas e colocadas de lado. De repente, uma delas rola e cai de vários



metros, com grande estrondo. Com um pouco de sorte, talvez acessemos a continuação da rede. Jef desce primeiro e, após alguns metros, chegamos no fundo, encontrando-nos dentro de uma galeria baixa, de solo argiloso. À direita, a parte inferior parece ser completamente obstruída por troncos de árvores e lama bem escorregadia. À esquerda, a galeria baixa sobe levemente, de novo. Jef vai verificar tudo isso. Três minutos mais tarde ele volta e anuncia que a cavidade continua. Decidimos sair e começar a topografia. O caderno vai nas mãos

volumes tornam-se maiores, e o nosso prazer também. Chegamos numa galeria de dimensões maiores: a excitação é total. Passamos por uma pequena sala, que na verdade é uma encruzilhada. É formada por uma bela fenda perpendicular à galeria. A fenda parece impenetrável, mas no alto, do lado direito, parece existir uma saída. Mas a continuação é evidente, está logo em frente. A galeria muda levemente de morfologia: agora ela fica mais estreita, mas também mais alta, um grande meandro de 2 a 3m de largura por 6 a 7m de altura. As

“Não, mas onde eu ponho essa ponta da trena?” Estou no máximo: 50m. Tenho que encontrar uma parte da parede onde afixar esses famosos pontos vermelhos que são chamados de bases topográficas. E com isso, precisamos marcá-los corretamente com lápis de pintura, a fim de que eles não voem para onde a gente não sabe, nas costas de alguns bichinhos. No Brasil, são uma especialidade os pontos topográficos voadores.

As formas da galeria são esplêndidas, a verticalidade das paredes vertiginosa. Dois

A galeria alarga-se ainda mais:
*“à direita, à esquerda, anda,
 anda para frente!”*
 E agora estou correndo numa galeria
 com uma parte da trena,
 enquanto meus dois companheiros
 estão me dando força gritando:
*“mas anda mais depressa,
 você está dormindo?”*

de um dos meus companheiros, o outro carrega o clinômetro e a bússola. Eu cuido da famosa trena, que, na minha opinião, é comprida demais para visadas de alguns poucos metros, ficando sempre presa em meio à grande massa de blocos. As alusões duvidosas de meus dois companheiros começam a surgir... estórias sobre a largura de galeria; de come-pedra, de come-pontó topográfico... (veja o artigo “Estória sem Fundamento”).

Uma atmosfera brincalhona flutua no ar. A descida continua pouco a pouco, metro a metro, visada após visada. Após uma passagem baixa, subimos um pouco e voltamos à galeria baixa. Será que alguém poderá me falar para que serve uma trena de 50m? Em seguida, a galeria sobe e alarga, sendo agora possível ficar em pé.

À medida que progredimos os

visadas demoram cada vez mais. “Uma visada de 20m, ótimo!” O meandro alarga-se ainda mais. A galeria sobe levemente e adquire uma seção quase retangular. O solo está recoberto de blocos e de grandes seixos, corroídos e limpos pela passagem da água. Em seguida a galeria torna-se baixa e lamacenta, mas então estamos de volta à galeria imponente, limpa e magnífica. Nossas lanternas dirigem suas luzes rumo ao horizonte, onde tudo está escuro. Pulamos para todos os lados. Largura 30m, altura 15m, estamos “en première”... A galeria alarga-se ainda mais: “à direita, à esquerda, anda, anda para frente!” E agora estou correndo numa galeria com uma parte da trena, enquanto meus dois companheiros estão me dando força gritando: “mas anda mais depressa, você está dormindo?”

gigantescos blocos, um na parede da esquerda, o outro, na parede da direita, se encontram no eixo da galeria e formam, então, uma magnífica seção triangular. Como a natureza é bela! Ficamos histéricos. E isso continua mais à frente: os tetos estão sempre a mais de 15m de altura e a galeria conserva a sua largura. É fabuloso! Estamos fazendo (pelo menos pensamos) “la première” da expedição. Quinhentos metros já foram topografados e isso continua.

Aparece, então, um estreitamento. A passagem só mede agora 10m de largura, e há um escorrimto na nossa frente. Precisamos nos abaixar, uma corrente de ar impressionante sai do estreitamento. Sem enxergar, já podemos imaginar, por causa da força do vento, o volume que deve existir lá atrás. Eu me abaixo, minha



chama vacila. Com a cabeça na passagem, eu falo: “eis a luz do dia”, com uma grande decepção. Após um rastejamento de dois ou três metros, a galeria alarga-se de novo. A luz desses lugares nos indica que estamos perto da saída, mas qual saída? Após uns 50m e uma subida de 6 a 7m, chegamos ao fundo de um cânion. Mas qual cânion? Eis a questão. Não temos nenhum meio de nos localizarmos. O que parece mais com um cânion do que um outro cânion? O leito do rio seco está ocupado por pedras e blocos, antes da densa vegetação tornar-se predominante. As paredes são muito abruptas, mas não muito altas: mais ou menos 30m. Exploramos o fundo de nossa nova descoberta numa distância de uns 10m. Após termos escalado um enorme bloco que impedia nossa progressão,

chegamos a um promontório. De lá, a vista é magnífica, mas nenhuma indicação permite a nossa orientação. Um pouco decepcionados, mas orgulhosos e felizes, tomamos o caminho de volta, contemplando os 600m de descobertas. Pensamos então nos outros membros da expedição. Antes de voltarmos ao acampamento, temos ainda umas visadas a efetuar. Entre elas devemos, notadamente, fazer a junção entre as diferentes cavidades. Descobrimos igualmente uma pequena galeria fóssil em cima de nossa bela “première”. Fiéis aos nossos hábitos, exploramo-la e topografamo-la: suas dimensões não são muito grandes, mas há belas formas de conduto. No final da galeria, Jef pensa que estamos no cruzamento da fenda, na gruta do

Aspectos da Gruta do Fazendeiro
Fotos: Jean François Perret

Fazendeiro. Paramos nossa exploração e saímos para encontrar a equipe do Ezio, que deve estar nos esperando. De novo no fundo do grande cânion, ao ar livre, fazemos ainda umas visadas, enquanto esperamos nossos companheiros. Agora anoiteceu. Lá no fundo, ao longe, uma luz brilha no meio da vegetação: são as lanternas dos nossos amigos, vamos poder comentar nossa descoberta. Após uma pequena parada, retomamos o

caminho que leva até a Kombi. Uma vez em Descoberto, após um bom banho, tomamos um aperitivo, pastis para uns, caipirinha para outros. Começamos, então, a comemorar nossa descoberta, esperando as últimas equipes voltarem. Mas quando elas chegam, uma nova surpresa aparece. A equipe de Benoît, Olivier, Jean-Loup e Marc fizeram muito mais do que nós: 3,5km de topografia com "arrêt sur rien". Foi a consciência deles que os mandou parar, mas isso é uma outra estória! A noite passa quente e cheia de comentários, cada um mais bonito que o outro: galerias enormes, teto baixo sem fim, sífões contornados, anedotas que não têm fim, uma lanterna explodindo..., em suma, a expressão de uma alegria profunda. Seria isso a magia das expedições?

Para nossos amigos brasileiros, é a última noite. Seu último dia de expedição chegou ao fim. Amanhã eles devem voltar para Belo Horizonte. Por isso eles começam a arrumar o material. Durante alguns dias, vamos ficar sozinhos, sem dúvida, um pouco órfãos, esperando reencontrá-los para a segunda parte da nossa expedição.

Durante os dias que ficarmos aqui em Descoberto deveremos realizar imagens para um filme, desequipar uma cavidade e fotografar. O programa é bem puxado e precisamos, imperativamente, nos organizar. Como os alunos, escrevemos as tarefas no quadro negro da sala de aula e as repartimos. A cada dia, sua temática; a cada um, seu papel. Assim deveremos atingir nossos objetivos. Como estipula o regulamento das expedições da SBE, sem nossos amigos brasileiros não faremos novas explorações nem novas prospecções. Os dias passam, os objetivos são cumpridos. Os últimos minutos se passam na Bahia. Enfim, para nós também, a hora de deixar essa maravilhosa

cidadezinha de Descoberto chegou. A continuação da nossa jornada vai se prolongar mais ao sul, no Estado de Minas Gerais. Lá no Caraça, a mais de 2.000 m de altitude iremos mudar de ambiente e de temperatura. O calcário dará lugar ao quartzito, a frescura e o vento substituirão o calor abafado do sertão.

Nessas linhas acima tentei descrever a atmosfera existente durante nossos dias de exploração. Gostaria de terminar meu artigo com os pensamentos e os sentimentos que tive lá. Nunca tinha participado de nenhuma expedição. Foi a primeira, mas com certeza não será a última. Descobri esse pequeno mundo, esse pequeno sistema onde existem regras, divertimentos, decepções...

Essa expedição é, sobretudo, uma fabulosa equipe franco-brasileira com os bons e os maus lados das pessoas, a paixão comum que é a espeleologia, o prazer da descoberta, a amizade e "as duas opções" de nosso amigo Ezio.

Agora, para mim, o Brasil é:

Antes de tudo, um povo fabuloso com uma hospitalidade e uma convivência que eu raramente tinha encontrado antes. Mesmo num lugar perdido no meio do sertão, você encontrará sempre alguém que abrirá sua porta e oferecerá seu arroz com feijão, sua carne de sol e mesmo sua hospedagem.

Crianças, com grandes olhos pretos, prontas a te levar até a caatinga para mostrar as pinturas ornamentando as entradas das grutas. Esses vestígios foram deixados por índios que lá viveram até o ano de 1930, data da sua "expulsão" pelos novos habitantes.

Soluções para todos os tipos de problemas, mas será que há problemas? No Brasil, o "sistema D" e a esperteza são obrigações, por exemplo:

Buscar, à noite, bem após as lojas terem fechado, um parafuso de fixação para um amortecedor da Kombi. Tentar encontrar o proprietário de uma loja, numa cidadezinha, às onze horas da noite, após ter pedido informações a quase todas as pessoas encontradas e em todos os postos de gasolina. Acordá-lo e pedir a ele para abrir seu comércio.

Abastecer o tanque da Kombi sugando a gasolina armazenada nas garrafas de coca-cola.

Uma paleta de cores humanas multicolores e sem discriminação racial, sem agressividade.

Pistas de terra ocre sem fim, onde os encontros realizados são bastante inesperados: rebanho de zebu, deitado bem no meio do caminho, ônibus abandonado por causa de um pneu furado. Mas também grupos de crianças andando, mesmo à noite, para ir na única escola da região.

A caatinga, "floresta branca" na língua indígena, e sua vegetação seca, que oferece um horizonte particular. Os lapiás cinzas, cobertos de cactos, lembram, a quem esqueceu, que a própria natureza se defende. Se vocês tiverem o infortúnio de confundir uma árvore com um cacto, seus espinhos vos deixarão boas lembranças... Há também, as barrigudas gigantescas, com tronco enorme, algumas delas cheias de flores rosas mesmo no inverno.

Encontros inéditos com uma bela migala, que deseja tomar banho com você, ou uma bonita cobra caminhando em sua companhia sobre a terra ou uma outra cochilando numa árvore.

Lugares encantadores ou místicos para alguns, como a Angélica; outros, cheios de anedotas e labirintos, como a Bocaina.

Será que um dia a gente voltará aqui?

Ma première,
vraie première.

Valérie Tournayre
Groupe Spéléo
Bagnols Marcoule

Aujourd'hui deux équipes comprenant Ezio, Guy et Joël d'une part, et Jeff, Gilles et moi-même de l'autre, doivent inspecter le canyon découvert quelques jours plus tôt. Nous allons explorer et topographier les entrées repérées. L'équipe d'Ezio fouillera la partie aval du canyon pendant que nous nous chargerons des entrées trouvées dans la partie amont.

Après une descente rapide dans la dense végétation, Ezio nous indique les entrées tout en nous faisant part de son pronostic: à gauche l'entrée s'avère prometteuse, celle de droite est à faire, mais à son avis, celle-ci est bien moins intéressante. Ces deux accès au réseau souterrain sont en fait deux pertes actuelles du canyon. Par contre, il n'est pas certain que la genèse de ces cavités soit liée au canyon, nos explorations apporteront peut-être une réponse à ce sujet.

D'un commun accord, nous décidons d'en finir rapidement avec l'entrée la moins prometteuse, la grotte de José. Elle doit son nom à un marquage que nous avons trouvé sur la roche à l'entrée de la cavité. Je suppose que c'est le nom d'un fazendeiro de la région.

Sous le porche, un colibri (vous savez ce petit oiseau qui vole sur place dans un vacarme impressionnant) nous nargue. Il joue avec nos nerfs, impossible de le photographier. Un repas très "brésilien" est pris rapidement. Nous voilà partis avec décamètre, clino et carnet topo, de vrais pros... Après une paire de visées dans une entrée aux dimensions brésiliennes, nous arrivons sur un réseau aquatique. A droite, nous butons après quelques mètres sur un siphon. A gauche, en aval, Gilles explore la galerie à la nage sur environ 150 m. Pas évident de faire de la topo sans bouée, avec le déca dans la bouche, le clino et le compas dans le casque et le carnet topo flottant autour du cou. Le reste de l'équipe n'a pas envie de se mouiller, cela doit être l'appel des grandes galeries. Gilles isolé sur une berge de la galerie décide de revenir.

Nous stoppons l'exploration, trop aquatique à notre goût, et jurons de réapparaître ici-même, mieux équipés, la prochaine fois. Nous remontons l'éboulis de l'entrée, traversons le canyon et surplombons l'autre entrée, la fameuse entrée prometteuse baptisée grotte du Fazendeiro

Dans un méandre du canyon, la perte est imposante. Il faut effectuer une descente de plusieurs mètres avant de se retrouver au sommet d'un énorme éboulis. De "petits blocs" de quelques centaines de kilos sont entassés les uns

sur les autres. Pourtant le passage semble se trouver là, au milieu de ces énormes dalles de calcaire. Jeff découvre un passage entre deux blocs. Il faut le dégager un peu. Quelques pierres sont extraites et mises sur le côté. Soudain, l'une d'elles roule et tombe de plusieurs mètres en ricochant. Avec un peu de chance, nous allons peut-être pouvoir accéder à la suite du réseau. Jeff descend en tête. Après quelques mètres, nous touchons le sol et nous nous retrouvons dans une galerie basse au sol argileux. A droite, l'aval semble complètement obstrué par des troncs d'arbres et de la boue bien glissante. A gauche, la galerie basse remonte légèrement. Jeff part en reconnaissance quelques instants. Trois minutes plus tard, il revient et annonce que la cavité continue. Nous décidons de ressortir et de commencer la topographie. Le carnet topo dans les mains pour un de mes complices, pour l'autre le clino et la boussole, et en ce qui me concerne je m'occupe du fameux décamètre. Il est à mon goût trop long pour des visées de quelques mètres et il ne cesse de se coincer on ne sait comment dans cet amas de blocs. Les allusions douteuses de mes deux compères commencent à voler...des histoires de largeur de galerie, de mange-pierres, de mange-points topo... (voir l'article: Histoire sans fondement).

Une ambiance bon enfant flotte dans l'air. La descente continue petit à petit,



Garrafas de refrigerante onde é
armazenado gasolina para vender.
Foto: Flávio Chaimowicz

mètre par mètre, visée après visée. Après un passage bas, nous remontons un peu et récupérons la galerie basse. Vous pouvez me dire à quoi sert un décimètre de 50m? Tiens, ça remonte, la galerie s'élargit, on peut même se tenir debout.

Au fur et à mesure que nous avançons, les volumes grossissent, notre clameur aussi. Nous arrivons dans une galerie aux dimensions plus importantes, l'excitation est totale. Nous traversons une petite salle qui est en réalité un carrefour. Celui-ci est formé par une belle faille perpendiculaire au conduit. La faille est impénétrable quoique au sommet, côté droit, il semble y avoir un départ. Mais de toute évidence, la suite est devant nous. La galerie change légèrement de morphologie. Elle est maintenant plus étroite mais aussi plus haute : un grand méandre de deux à trois mètres de large par six, sept mètres de hauteur. Les visées se font de plus en plus longues. Une visée de vingt mètres, super! Le méandre s'élargit encore. La galerie monte légèrement et prend une section presque rectangulaire. Le sol est recouvert de blocs et de gros galets roulés et nettoyés par le passage de l'eau. Après la galerie basse et boueuse, voici maintenant la grosse galerie propre et magnifique. Un coup de lampe vers l'horizon et tout est noir. Nous commençons à faire des bonds dans tous les sens. Largeur: 30 mètres, hauteur : 15 mètres, nous sommes en première... La galerie s'élargit encore. "À droite, à gauche, avance!" Et je me retrouve en train de courir dans une galerie avec mon bout de décimètre, encouragée par mes deux acolytes "mais avance plus vite, tu dors?"

"Non, mais le bout du déca, je le pose où? Je suis à fond, 50 m voir 53 m pour trouver un bout de paroi sur laquelle poser ces fameux points rouges qu'on appelle points topo. En plus, il faut les marquer correctement au crayon de peinture afin qu'ils ne s'envolent pas on ne sait où, sur le dos de quelques bêtes. C'est une spécialité au Brésil, les points topo volants.

Les formes de la galerie sont splendides, l'aplomb des parois

vertigineux. Deux gigantesques dièdres l'un paroi de gauche, l'autre paroi de droite se rejoignent dans l'axe de la galerie et forment une magnifique section triangulaire. Que la nature est belle! Nous sommes hystériques, ça continue droit devant, les plafonds sont toujours à plus de 15 m et la galerie est encore aussi large. C'est fabuleux! Nous sommes en train (tout au moins nous le pensons) de faire la première de l'expé. Cinq cents mètres de topographie et ça continue.

Tiens! Un rétrécissement, plus que dix mètres de large, une coulée en face de nous. Il faut se baisser, un courant d'air impressionnant sort du passage. Sans le voir, on imagine déjà à la force du vent le volume qu'il doit y avoir là derrière. Je me baisse, ma flamme vacille, je passe la tête "on voit le jour" dis-je avec une grande déception. Après avoir rampé sur deux ou trois mètres, la galerie s'élargit à nouveau. La clarté des lieux nous indique que nous sommes près de la sortie, mais quelle sortie? Après une cinquantaine de mètres et une remontée de six à sept mètres, nous nous retrouvons au fond d'un canyon. Mais quel canyon? Là, est la question. Nous n'avons aucun moyen de nous repérer. Qu'est-ce qui ressemble le plus à un canyon qu'un autre canyon? Le lit à sec est occupé par des galets et des blocs, puis la végétation dense reprend le dessus. Les parois sont très abruptes, mais pas très hautes, environ une trentaine de mètres. Nous explorons le fond de notre nouvelle découverte sur quelques dizaines de mètres. Après avoir escaladé un énorme bloc qui barre notre progression, nous nous retrouvons sur un promontoire. La vue est superbe mais aucune indication ne nous permet de nous orienter. Un peu déçus mais fiers et heureux de notre invention, nous rebroussons chemin. Au retour, nous contemplons nos 600 m de découvertes et pensons aux autres membres de l'expé.

Avant de rentrer au camp, nous devons terminer quelques relevés topo. Nous devons notamment relier les différentes cavités entre elles. Nous découvrons également une petite galerie fossile au-dessus de notre belle première. Fidèles à notre habitude, nous l'explorons

et la topographions. Ses dimensions ne sont pas très imposantes mais il y a de belles formes de conduite. Au bout de la galerie, Jeff pense que nous sommes au carrefour de la faille, dans la grotte du Fazendeiro. Nous arrêtons là notre exploration et sortons rejoindre l'équipe d'Ezio qui doit nous attendre. De nouveau au fond du grand canyon et à l'air libre, nous prenons encore quelques visées car nos petits camarades ne sont toujours pas là. La nuit est tombée maintenant. Au loin, une lueur brille dans la végétation, ce sont les lampes de nos amis. Nous allons pouvoir leur commenter notre découverte. Après une petite pause, nous reprenons la route qui nous mène jusqu'au combi.

De retour à Descoberto, après une bonne douche, nous prenons un apéritif, pastis pour les uns et Caipirinha pour les autres. Nous commençons à fêter notre invention en attendant que les dernières équipes rentrent. Mais à ce moment-là, une nouvelle surprise nous attend, l'équipe de Benoît, Olivier, Jean loup et Marc ont fait beaucoup mieux que nous. Trois kilomètres et demi de topo avec arrêt sur rien, c'est leur conscience qui les a arrêtés, mais ça c'est une autre histoire... La soirée est chaude et pleine de récits, tous plus beaux les uns que les autres. Des galeries énormes, des voûtes mouillantes sans fin, des siphons shuntés, des anecdotes à n'en plus finir, une lampe qui explose..., en somme l'expression d'une joie intense, et si s'était cela la magie des expéditions?

Pour nos amis Brésiliens c'est le dernier soir, leur dernière journée d'expédition dans la Bahia vient de se terminer. Dès demain, ils doivent repartir sur Belo. Ils commencent donc à ranger leur matériel. Pendant quelques jours, nous allons rester seuls, sans doute un peu orphelins en attendant de retrouver tout ce monde pour la deuxième partie de notre expédition.

Pendant les jours qu'il nous reste, ici, à Descoberto, nous devons encore réaliser des images pour le film, déséquiper une cavité et faire des photographies. Le programme est chargé

et nous devons impérativement nous organiser. Comme des écoliers, nous inscrivons les tâches sur le tableau noir de la classe et les répartissons. A chaque journée son thème, à chacun son rôle ainsi nous devrions atteindre nos objectifs. Comme le stipule le règlement des expéditions de la SBE, sans nos amis Brésiliens, nous ne ferons pas de nouvelle exploration ni de nouvelle prospection. Les jours passent, les objectifs sont atteints. Les dernières minutes s'égrènent dans la Babia. Puis, nous devons quitter à notre tour cette merveilleuse petite cité de Descoberto. La suite de notre périple se situe plus au sud dans l'état du Minas Gerais. Là-bas, à Caraca, à plus de deux mille mètres d'altitude, nous allons changer de milieu et de température. Le calcaire laissera la place à la quartzite, la fraîcheur et le vent remplaceront la lourde chaleur du sertão.

Dans ces quelques lignes, j'ai essayé de vous faire ressentir l'ambiance que nous avons vécue lors de nos journées d'exploration. Je voudrais terminer mon article avec les pensées et les sentiments que j'ai eu là-bas. Je n'avais jamais participé à aucune expé, c'était ma première mais certainement pas la dernière. J'ai découvert ce petit monde, ce petit système où il y a des règles, des rejouissements, des déceptions. Cette expé, c'était avant tout une fabuleuse équipe Franco-Brésilienne avec le bon

et le mauvais côté de chacun d'entre nous, la passion commune qui est la spéléo, le plaisir de la découverte, l'amitié et "les deux options" de notre ami Ezio.

Maintenant pour moi le Brésil c'est:

- Avant tout des gens fabuleux avec une hospitalité et une convivialité que j'ai rarement rencontrées. Au fond de nulle part, vous trouverez toujours quelqu'un qui vous ouvrira sa porte et vous offrira son riz feijão, sa carne de sol et même vous fera partager son toit.

- Des gamins aux grands yeux noirs prêts à vous guider dans la caatinga pour vous montrer les peintures ornant les entrées des grottes. Ces traces ont été laissées par les Indiens jusqu'en 1930, date de leur "expulsion" par les nouveaux arrivants.

- Des solutions à tous problèmes, mais y a-t-il des problèmes?. Au Brésil, le système D et la débrouillardise sont des obligations, par exemple:

Chercher tard le soir bien après la fermeture des magasins une vis de fixation pour un amortisseur de combi. Trouver dans une petite ville à onze heures du soir, après s'être renseigné auprès de presque toutes les personnes rencontrées et à toutes les stations service, le propriétaire d'un magasin. Le tirer de ses pantoufles et lui faire ouvrir son établissement.

Faire le plein de gazoline du combi en siphonnant des bouteilles de coca faute de pompe à essence.

- Une palette de couleur humaine multi teinte et sans discrimination raciale, sans agressivité.

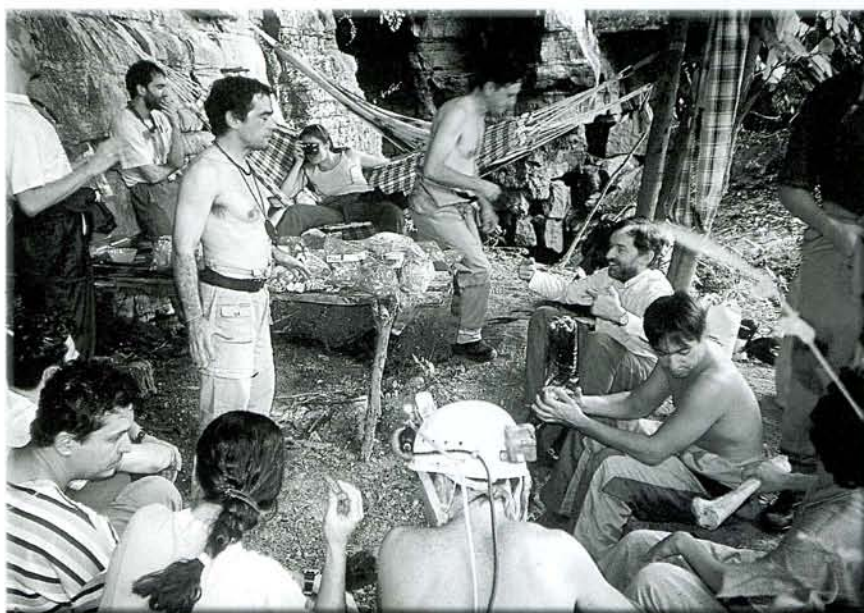
- Des pistes de terre ocre sans fin où vous faites des rencontres assez inattendues ; du troupeau de zébus couchés en plein milieu au bus abandonné pour cause de crevaisson. Mais aussi des groupes de gamins marchant même de nuit pour aller à la seule école du coin.

- La caatinga (forêt blanche en indien) et sa végétation sèche qui nous offre un horizon particulier. Les lapiaz gris recouverts de cactus font prendre conscience à qui l'aurait oublié que la nature se défend elle-même. Si vous avez le malheur de confondre un arbre et un cactus, les épines de ce dernier vous rappelleront à leur bon souvenir... Il y a aussi les barigudas gigantesques (espèce de Baobabs) au tronc énorme et dont certains sont pleins de fleurs roses, même en hiver.

- Des rencontres incongrues avec une jolie mygale qui souhaite prendre la douche avec vous ou un joli serpent se baladant sous terre en votre compagnie ou un autre en train de sommeiller dans le creux d'un arbre.

- Des lieux enchanteurs où spirituels pour certains comme Angélica, d'autres pleins d'anecdotes et de labyrinthes comme Bocaina.

Au fait, quand est-ce qu'on repart? 



Acampamento na entrada do Boqueirão
Foto: Flávio Chaimowicz